

UM ASPECTO DA MODERNIDADE FEMININA NA CIDADE DE SÃO PAULO: O "MACHISMO"¹

ANA MARIA NAGELSCHMIDT*

CARLOS WAGNER SANDEVILLE DOS SANTOS**

JOSÉ SEVERO DE CAMARGO PEREIRA***

R E S U M O

O ponto de partida do artigo são os conceitos de modernização de uma sociedade e de modernidade individual. Com base nesses conceitos, os autores tentaram construir uma escala de modernidade individual aplicável às mulheres da cidade de São Paulo, capaz de medir um aspecto dessa modernidade que os autores chamaram de "machismo", isto é, um sistema de crenças e preconceitos relativos à inferioridade da mulher, à existência de dois mundos separados, um masculino e outro feminino, à existência de uma dupla moral sexual, etc. Para tanto, foi elaborado um questionário de 50 questões relativas ao tema mencionado, 13 questões de cultura geral e 3 questões destinadas a medir o grau de planejamento familiar. Esse questionário foi aplicado a uma amostra de mulheres paulistanas pertencentes às classes menos favorecidas economicamente. Em seguida, os dados obtidos foram submetidos a uma análise estatística que consistiu basicamente de duas etapas: uma análise de coerência interna (validade de *constructo*) e uma análise fatorial. Dessas análises resultou a escala apresentada pelos autores, uma escala tipo Likert de 17 itens que apresentaram cargas fatoriais e coeficientes de correlação interna altamente satisfatórios.

S U M M A R Y

The starting points of this paper are the concepts of modernization of a society and individual modernism. Based on these concepts, the authors have tried to construct an individual modernism scale applicable to women from the city of São Paulo, a scale intended to measure one aspect of this modernism called "malism" by the authors, that is, a system of beliefs and prejudices relating to female inferiority, to the existence of two separate worlds, one for men, another for women, to the existence of a double sexual morality, etc. To this end, the authors constructed a questionnaire including 50 items related to the referred topics, 13 questions of general knowledge and 3 items intended to measure the degree of family planning. This questionnaire was administered to a sample of women from the city of São Paulo, belonging to the lower economic classes. The data collected were submitted to a statistical analysis which basically consisted of two phases: an analysis of internal consistency (validity of constructs) and a factor analysis. As a result of these analyses, an individual modernism scale is presented by the authors. It is a Lickert type scale made up by 17 questions which have highly satisfactory internal correlation coefficients and factor loadings.

1 A idéia de construir uma escala de modernidade individual aplicável às mulheres da cidade de São Paulo ocorreu simultânea e independentemente aos três autores deste artigo, que começaram a trabalhar separadamente no projeto. O primeiro na Inglaterra, onde estava com bolsa de estudos, e os dois últimos, em conjunto, no Brasil. A colaboração entre os três começou num estágio relativamente avançado dos estudos, quando o primeiro autor cita-

do retornou de férias ao Brasil e procurou com o terceiro a orientação estatística de que necessitava. Tem início, então, o trabalho conjunto, desenvolvido parte na Universidade de Londres e parte na Universidade de São Paulo, de que resultou a presente escala.

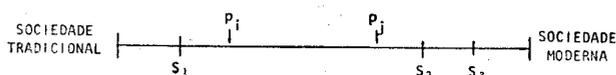
* Da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

** Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

*** Do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo.

I — INTRODUÇÃO

Na literatura sociológica, o termo *modernização* é comumente empregado para significar o movimento de um sistema sócio-econômico em direção a níveis *mais altos* de desenvolvimento. O *grau de modernização* de uma sociedade costuma ser avaliado pela comparação dessa sociedade com outras tomadas como modelos ou padrões, através da determinação de vários índices sócio-econômicos: renda *per capita*, taxa de mortalidade infantil, taxa de analfabetismo, número de médicos por mil habitantes, etc. Em outras palavras, imagina-se a existência de um *continuum* ancorado em dois extremos ou polos — o tradicional (retrógrado ou atrasado), de um lado, e o moderno (ou evoluído), do outro — em que cada sociedade ocuparia uma posição, que seria a medida do seu grau de modernização. Assim, no esquema abaixo, a sociedade S_1 seria menos moderna (= mais tradicional) do que a sociedade S_2 , por exemplo, e uma sociedade ficaria mais moderna sempre que se deslocasse nesse *continuum* de uma posição P_i para uma posição P_j , com $j > i$. Nesse *continuum*, as diferenças entre as posições das várias sociedades não têm nenhum significado porque a mensuração em causa é apenas do 2º nível.



É claro que, de certo modo, esse processo de determinação do grau de modernização de uma sociedade acaba envolvendo julgamentos de valor — na fixação dos extremos do *continuum* e/ou na escolha dos indicadores sócio-econômicos que serão usados — mas não vemos como escapar dessa crítica por causa da própria natureza do fenômeno que se pretende medir: modernização. Ou seja, pode-se criticar a escolha de *determinada* sociedade como padrão (a eleição dos Estados Unidos ou dos países da Europa Ocidental, por exemplo, como modelos de sociedades modernas), mas não se pode prescindir da fixação de padrões se se quiser medir o grau de modernização de uma sociedade. Em todo caso, essa crítica fica atenuada se deixarmos claro desde o início que não emprestamos *valorizações* aos padrões escolhidos, isto é, se dissermos desde o início que o fato de escolhermos uma sociedade como padrão de modernização não quer dizer que ela seja preferível ou seja melhor do que outra classificada como menos moderna: os extremos do nosso *continuum* não passam do gelo fundente e da água em ebulição da medida centígrada de temperatura. (E menos ainda que ela seja preferível em todos os aspectos.) Enquanto fazemos ciência pura, uma escala de modernização deve ser tão anódina quanto uma escala física de dureza, por exemplo. Também deve ser dito explicitamente que o fenômeno modernização é complexo. Portanto, o grau de modernização de uma sociedade tem de ser determinado com base em vários indicadores, que depois são resumidos numa variável única unidimensional: o mencionado *continuum*.

Paralelamente, cada indivíduo membro de uma sociedade também apresentaria um grau de modernidade que, agora, poderia ser aferido pelas suas maneiras de perceber, sentir, pensar, valorar, comportar-se, etc. E esse grau de modernidade estaria, de certo modo, relacionado com o grau de modernização da sociedade a que pertencesse o indivíduo em causa. Assim, as transformações sofridas pelas sociedades no seu caminho para a modernização afetariam certas características modais dos seus membros, ao mesmo tempo em que certos traços biopsicológicos dos componentes de uma sociedade talvez fossem capazes de favorecer ou de dificultar determinadas mudanças sociais.

De há muito tempo que os psicólogos sociais vêm estudando o modernismo individual e tentando construir escalas para medir o grau de modernidade de um indivíduo. Para citarmos apenas os trabalhos mais recentes: Doob (1960; 1969), na África; Dawson (1967; 1969), na África, Austrália e Hongcong; Grasmik (1973), na zona agrícola do sul dos Estados Unidos; Schnaiberg (1970), na Turquia; Kahl (1968), no Brasil e no México; Inkeles (1966) e Inkeles & Smith (1974) em 6 países em vias de desenvolvimento.

Comentemos ligeiramente os trabalhos de Kahl e de Inkeles & Smith, que mais de perto inspiraram a presente pesquisa.

Kahl, ao tentar identificar a existência do síndrome que chamou de *modernismo* e relacioná-lo com dados sociológicos, desenvolveu uma escala que serviria para diferenciar os indivíduos “tradicionais” dos indivíduos “modernos”, no Brasil e no México. Essa escala inclui diversas variáveis, entre as quais as que denominou “ativismo” (*versus* “fatalismo”), “preferência pela vida urbana” (*versus* “preferência pela vida rural”), “individualismo”, (*versus* “coletivismo”), “exposição aos meios de comunicação de massa” (*versus* “isolacionismo”), etc. Sua conclusão final foi: o melhor preditor para o mencionado síndrome é a classe sócio-econômica a que o indivíduo pertence e não o seu local de residência (urbano ou rural), como se poderia pensar. Os sujeitos pertencentes às classes mais altas tenderiam a ser mais modernos do que os pertencentes às classes menos favorecidas.

Inkeles & Smith trabalharam ligados ao *Harvard Project on Social and Cultural Aspects of Development*, que se propunha investigar alguns aspectos psicológicos relacionados com a modernização das sociedades. O trabalho inicial do projeto foi a construção de uma escala transcultural para a mensuração do grau de modernidade individual.

Os autores mencionados começaram então elaborando uma série de questões que serviriam para distinguir os indivíduos tradicionais dos indivíduos modernos e aplicaram essas questões a amostras de sujeitos de sexo masculino nos seguintes países: Argentina, Chile, Índia,

Nigéria e Paquistão Oriental (hoje Bangladesh). Ao todo, 6.000 indivíduos, pertencentes a diversos grupos sociais que teriam sido expostos a influências modernizadoras de diferentes intensidades: agricultores, indivíduos que haviam migrado recentemente para zonas urbanas, cidadãos que exerciam profissões humildes, operários industriais, etc.. Analisados estatisticamente, os dados obtidos permitiram a construção de diversas escalas de modernidade global (*overall modernity*), que diferem entre si tanto pela extensão, quanto pelo conteúdo. A conclusão final dos autores foi: os melhores preditores para o grau de modernidade de um indivíduo são escolaridade, exposição aos meios de comunicação de massa e trabalho na indústria, independentemente da sociedade a que pertença esse sujeito.

Resumindo, podemos concluir que, apesar da complexidade do problema e da existência de algumas facetas da questão que exigem soluções até certo ponto arbitrárias, há um consenso mais ou menos geral entre os autores a respeito da possibilidade de se construir uma *escala de modernidade individual* e dos campos que deveriam ser cobertos por essa escala. Seriam:

1. *Inferioridade da mulher*, isto é, a crença de que no relacionamento entre os sexos a mulher deve estar em posição subordinada (Dawson, Inkeles, Kahl e Schnaiberg);
2. *Familismo*, isto é, a crença de que o indivíduo deve manter laços muito estreitos com os seus parentes consanguíneos, mesmo que isso possa, eventualmente, causar prejuízos a ele (Dawson, Inkeles, Kahl e Schnaiberg);
3. *Localismo*, isto é, a crença de que é melhor manter relações sociais com os membros da sua própria comunidade, do que com estranhos a ela (Doob, Schnaiberg e Stephenson);
4. *Fatalismo*, isto é, a crença de que o indivíduo não pode exercer muito controle sobre as coisas que podem acontecer a ele (Inkeles e Kahl);
5. *Neofobia*, isto é, a crença de que qualquer comportamento inovador quase sempre causa mais mal do que bem (Inkeles e Stephenson).

II — A AMOSTRA

O ponto de partida para a escolha da amostra de mulheres que iriam ser pesquisadas foi a "grande amostra" de domicílios utilizada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo para o seu conhecido estudo a respeito do custo de vida na cidade de São Paulo. Como se sabe, essa amostra do IPE foi constituída a partir do cadastro de domicílios da cidade de São Paulo levantado pela *Light, Serviços de Eletricidade S.A.* e nos dá informações variadas a respeito dos seus domicílios componentes: renda familiar, origem (urbana ou rural) da família, escolaridade do

chefe da família, número de membros da família, etc. Esses dados todos nos permitiram definir grandes áreas da cidade de São Paulo, bem caracterizadas do ponto de vista sócio-econômico. Essas áreas foram estratificadas em 3 níveis — classe pobre, classe média-baixa e classe média-média — em função da ocupação e do número de anos de educação escolar formal do chefe da família e da renda familiar. Em seguida sorteamos 12 dessas áreas, 4 para cada um dos mencionados níveis sócio-econômicos.

Por outro lado, como a amostra do IPE deve ser ligeiramente viesada no sentido de renda mais alta porque não figuram nela domicílios desprovidos de energia elétrica, obtivemos na Secretaria do Bem-Estar Social a lista das favelas existentes na cidade de São Paulo e sorteamos uma delas. Com isso, ficamos, no primeiro estágio da constituição da nossa amostra, com 13 grandes áreas da cidade de São Paulo.

Mapeamos essas áreas, sorteamos pontos de partida e roteiros e procedemos às visitas domiciliares de um modo sistemático, com uma única restrição: deveria haver, no mínimo, 4 domicílios não visitados entre 2 domicílios visitados. Não foi tomada nenhuma medida para a revisitação dos domicílios encontrados fechados; todavia esse viés deve ter sido minimizado porque as visitas domiciliares foram realizadas nos fins de semana.

Esse plano de amostragem não é, evidentemente, o mais recomendável no caso de se pretender estimar parâmetros populacionais. Todavia, como não era esse o nosso problema e sim o de garantir com boa certeza e baixo custo em tempo e dinheiro a retirada de uma amostra razoavelmente aleatória de mulheres dos 3 níveis sócio-econômicos citados, esse plano pareceu-nos satisfatório. Foi então adotado.

Os questionários foram aplicados oralmente pelo primeiro dos autores, auxiliado por pesquisadoras contratadas: alunas de Psicologia e de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo especialmente treinadas por nós para a pesquisa em causa.

Ao final, depois da depuração dos questionários, ficamos com 170 entrevistas aproveitáveis, aproximadamente equidistribuídas pelos 3 níveis sócio-econômicos mencionados.

III — QUESTIONARIO

Para a elaboração do questionário final, o primeiro autor citado, mercê do seu sexo, começou realizando entrevistas informais em profundidade com 30 mulheres paulistanas tomadas mais ou menos a esmo e pertencentes a diversos níveis sócio-econômicos. Em seguida, com base nos resultados dessas entrevistas e no levantamento bibliográfico realizado desde o início dos trabalhos, procedeu-se, em conjunto, à identificação de grandes áreas relacionadas com o tema da modernidade

feminina. Entre as diversas áreas identificadas, inclusive por outros estudiosos do assunto, acabou sendo elegido o tema da inferioridade da mulher ("machismo") como tema que mais próximo estaria da experiência pessoal das mulheres paulistanas. Essa grande área foi dividida nos seguintes subtemas:

1. Crença generalizada a respeito da superioridade masculina;
2. Crença de que existem dois mundos separados, o masculino e o feminino;
3. Preconceitos a respeito da vida profissional da mulher;
4. Preconceito anti-intelectualista em relação à mulher;
5. Preconceitos quanto à participação da mulher na sociedade como um todo;
6. Aceitação de uma dupla moralidade;
7. Tabu da virgindade.

Em relação a esses 7 temas, especialmente os dois últimos autores redigiram um grande número de questões. Dessa enorme quantidade de questões, 50 foram selecionadas como as aparentemente melhores para comporem o questionário a ser aplicado.

Todavia, além dessas 50 questões relativas ao tema do "machismo", o questionário final ainda contava com 3 outras partes, uma composta por itens de identificação da entrevistada (nível educacional, idade, religião, renda familiar, etc.), outra formada por questões de cultura geral (13 perguntas do tipo "Como se chama o atual Governador do Estado?", "Que é metrô?", etc.), e a terceira constituída por 3 perguntas destinadas a medir o grau de planificação familiar existente nas famílias das mulheres entrevistadas. A inclusão destas últimas perguntas decorreu diretamente de uma sugestão de Kahl (1968) e de Williamson (1970), que afirmam existir uma forte correlação positiva entre o grau de modernidade da mulher e o grau de planificação familiar: quanto mais modernas as pessoas, mais favoráveis seriam elas à idéia do controle da natalidade.

As 50 questões mencionadas, bem como as 3 relativas ao planejamento familiar, formavam uma escala tipo Likert, com 5 possibilidades para cada questão, em outras palavras, o procedimento de campo foi o seguinte. Feita a afirmação (oralmente pela entrevistadora), perguntava-se à entrevistada se ela 1. concordava, 2. discordava ou 3. não concordava nem discordava. Em seguida, nos casos 1 e 2 acima, perguntava-se se essa concordância (discordância) era total ou parcial. Metade das questões eram do tipo afirmativo e metade do tipo negativo, numa tentativa de se contrabalançar a tendência natural que muitas pessoas têm, especialmente

as mais humildes, para concordar com o entrevistador (*acquiescence response set*). Para essas questões todas, é evidente, não existiam respostas erradas, e isso foi explicado às entrevistadas.

CONCORDO		DISCORDO		Não concordo, nem discordo
Plena- mente	Parcial- mente	Plena- mente	Parcial- mente	

As perguntas de cultura geral, que foram as últimas a serem feitas às entrevistadas formavam um teste de escolha múltipla, com 4 alternativas por questão, uma só correta.

IV — ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi efetuada com o auxílio dos computadores da Universidade de Londres (London School of Economics and Political Science), utilizando-se os programas SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Essa preferência pela Universidade de Londres foi motivada por uma única razão: custos. É que lá qualquer pessoa ligada à Universidade tem acesso gratuito ao computador.

Em primeiro lugar, as nossas 50 questões a respeito do tema da modernidade feminina foram submetidas a uma análise de coerência interna (validade de *constructo* ou validade interna) mediante o cálculo dos coeficientes de correlação linear de Pearson entre cada uma delas e o conjunto das 49 restantes. Os coeficientes obtidos foram em geral bastante altos e quase todos significativamente diferentes de zero (nível de 5%). Dezesete deles, contudo, foram excepcionalmente altos — superiores a 0,40 — o que sugere uma alta validade de *constructo* para a nossa escala final.

Em seguida, submetemos os nossos dados a uma análise fatorial pelo método dos componentes principais de Hotelling. Dessa análise emergiu um fator responsável por 19% da variância total dos dados, com um valor característico (*eigen value*) de 4,32. Os outros fatores apresentaram valores característicos menores do que 1 e foram, portanto, de acordo com o critério de Child, desprezados. No que diz respeito às cargas fatoriais das questões nesse primeiro fator, seguimos o critério de Armour, isto é, retivemos na escala final apenas as questões que apresentaram carga fatorial superior a 0,33 no primeiro fator e cargas fatoriais inferiores a 0,33 nos outros fatores.

Dessas duas análises resultou a nossa escala final, que apresentamos mais além.

Finalmente, calculamos mais dois coeficientes de correlação linear de Pearson. Um entre os resultados da nossa escala final de modernidade e as notas nas per-

guntas de cultura geral e outro entre os resultados da nossa escala final de modernidade e as notas obtidas nas 3 questões abaixo, relacionadas, como dissemos, ao tema do planejamento familiar.

1. Um casal deve ter liberdade para evitar filhos, se assim desejar.
2. Graças à pílula anticoncepcional, a mulher de hoje pode se libertar de muitos preconceitos das gerações anteriores.
3. Hoje em dia, os cientistas estão estudando seriamente como aperfeiçoar uma pílula anticoncepcional que seja totalmente inofensiva para a saúde da mulher. A senhora acha que estudos como esses são
 - a. muito proveitosos e úteis
 - b. um pouco proveitosos e úteis
 - c. nem proveitosos, nem prejudiciais
 - d. um pouco prejudiciais e perigosos
 - e. muito prejudiciais e perigosos.

O primeiro coeficiente de correlação mencionado foi, no nosso caso, 0,51, significativa a 5%, o que confirma as mencionadas afirmações de Inkeles e Smith. O segundo foi 0,36, significativa a 5%, o que confirma as afirmações de Kahl e Williamson.

V — ESCALA FINAL

Apresentamos a seguir as 17 questões que foram retidas a partir das 50 do questionário inicial. Para todas elas, o procedimento da aplicação deve ser o seguinte: pergunta-se à entrevistada se 1. concorda, 2. discorda, ou se 3. não concorda nem discorda. Em seguida, nos casos 1 e 2 acima, deve-se perguntar à entrevistada se a sua concordância (ou discordância) é total ou parcial. O sistema de notas é: concordância plena = 1, concordância parcial = 2, indiferença = 3, discordância parcial = 4, discordância plena = 5, exceto para as questões 8, 14, 16 e 17, em que essa ordem deve ser invertida.

No quadro abaixo, na coluna "COEF. CORREL.", estão apresentados os coeficientes de correlação linear de Pearson entre as notas tiradas pelas nossas 170 entrevistadas em cada questão e no conjunto das outras 49; e na coluna "CARGA FAT.", a carga fatorial de cada questão no primeiro (e único) fator que emergiu da análise fatorial dos nossos dados e que denominamos "machismo".

Questão N.º	Enunciado da Questão	Coef. Correl	Carga Fat.
1	Num casal, a iniciativa das relações sexuais deve partir do homem	0,60	0,73
2	Os mulheres devem-se manter virgens até o casamento	0,57	0,62
3	Não fica bem a uma mulher andar sozinha pela rua à noite	0,55	0,47

4	Se pudessem escolher, a maior parte das mulheres prefeririam ficar em casa, cuidando do marido e dos filhos	0,47	0,48
5	Não acredito que as mulheres que se dedicam a negócios como os homens possam ser boas mães e esposas	0,46	0,52
6	As mulheres que se dedicam à política são, em geral, pouco femininas	0,46	0,50
7	Para cumprir seu dever cívico para com a sociedade, a mulher deve-se dedicar especialmente às obras assistenciais e de caridade	0,46	0,51
8	Acho que a mulher deve ter uma participação ativa na vida política do país	0,46	0,56
9	Se eu tivesse uma filha de 18 anos, preferiria que ela só saísse de carro com o namorado em companhia de uma das suas amigas	0,46	0,53
10	Só ao homem podem ser permitidas relações sexuais antes do casamento	0,46	0,67
11	A mulher deve, se possível, evitar trabalhar fora de casa para poder se dedicar mais ao marido e aos filhos	0,45	0,57
12	A decisão final em relação aos problemas do lar deve caber ao homem porque ele é o chefe da família	0,45	0,57
13	A mulher não precisa estudar tanto quanto o homem; o mais importante é que ela aprenda a ser boa mãe e esposa	0,45	0,54
14	Eu deixaria minha filha de 18 anos passar alguns dias na praia com um grupo de moças e rapazes, mesmo que nenhuma pessoa mais velha fosse acompanhando os jovens	0,45	0,46
15	As mulheres têm menos necessidade de sexo do que os homens	0,42	0,58
16	Eu aprovaria que minha filha tivesse vida conjugal mesmo sem se casar	0,41	0,57
17	Eu deixaria minha filha se casar só no civil	0,41	0,57

VI — CONCLUSÕES

Os resultados obtidos com as análises de correlação e fatorial sugerem que construímos um instrumento de boa validade interna para medir um dos aspectos da modernidade feminina: o aspecto que denominamos *machismo*, isto é, um sistema de crenças e preconceitos relativos à inferioridade feminina, existência de dois mundos separados, um masculino e outro feminino, existência de uma dupla moral sexual, etc. As cargas fatoriais e os coeficientes de correlação obtidos são dos mais altos entre os reportados pela bibliografia compilada.

Além disso, as relativamente altas correlações encontradas entre as notas de modernidade e as de cultura geral, de um lado, e entre aquelas e as de planejamento

familiar, do outro, sugerem que o nosso instrumento também tem boa validade externa.

Finalmente, cumpre acrescentar que o nosso trabalho não está completo: a nossa escala ainda necessita de ser reelaborada e aplicada, nessa forma, a novas amostras de mulheres. Em seguida, novas análises estatísticas devem ser feitas, inclusive a comparação de grupos sabidamente tradicionais com grupos sabidamente modernos.

Para terminar, gostaríamos de expressar nossos agradecimentos ao Prof. Dr. A. N. Oppenheim, do Departamento de Psicologia Social da London School of Economics and Political Science, que nos assistiu nos trabalhos realizados na Universidade de Londres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAWSON, J. L. M., 1968. Traditional Versus Western Attitudes in West Africa; the Construction, Validation and Application of Measuring Device, *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 6, 91-96.
- DAWSON, J. L. M., 1969. Attitude Change and Conflict Among Australian Aborigenes, *Australian Journal of Psychology*, 21, 101-116.
- DOOB, L. W., 1960. *Becoming More Civilized*, Yale University Press, New Haven.
- FAWCETT, J. T. & BORNSTEIN, M., 1973. Modernization, Individual Modernity and Fertility in James T. Fawcett (editor), *Psychological Perspectives in Population*, Basic Books, New York.
- GRASMICK, H. G., 1973. Measuring Traditional — Modern Orientations, *American Behavioral Scientist*, 16-6, New York.
- INKELES, A., 1966. The Modernization of Man, in M. Weiner (editor), *Modernization, the Dynamics of Growth*, Basic Books, New York.
- INKELES, A., 1969. "Making Men Modern: on the Causes and Consequences of Individual Change in Six Developing Countries", *American Journal of Sociology*, 75, 202-225.
- INKELES, A. & SMITH, D. H., 1974. *Becoming Modern*, Heineman, London.
- KAHL, J. A., 1968. *The Measurement of Modernism; a Study of Values in Brazil and Mexico*, Austin-University of Texas Press, Austin.
- LERNER, D., 1958. *The Passing of Traditional Society; Modernizing the Middle East*, Glencoe Illinois Free Press, Glencoe.
- OPPENHEIN, A. N., 1968. *Questionnaire Design and Attitude Measurement*, Basic Books, New York.
- SCHNAIBERG, A., 1970. Rural-urban Residence and Modernism: a Study of Ankara Province, Turkey, *Demography*, 7, 71-85.
- SCHNAIBERG, A., 1970a. Measuring Modernism: Theoretical and Empirical Explorations, *American Journal of Psychology*, 76, 394-425.
- WICKER, A. W., 1969. Attitudes Versus Actions; the Relationship of Verbal and Overt Behavioral Responses to Attitudes Objects, *Journal of Social Issues*, 23, 41-78.
- WILLIAMSON, J. B., 1970. Subjective Efficacy and Ideal Family Size as Predictors of Favourability Toward Birth Control. *Demography*, 7, 329-339.

[Recebido para publicação em fevereiro de 1977]